

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 05/03/2026 | aceito: 07/03/2026 | publicação: 09/03/2026

Ficção E Testemunho Em A Casa Dos Coelhos, De Laura Alcoba

Fiction And Testimony In The Rabbit House, By Laura Alcoba

Naiana Moraes Gonçalves

Resumo

Este artigo analisa o romance *A Casa dos Coelhos* (2022), de Laura Alcoba, investigando as relações entre ficção, memória e testemunho na construção de uma narrativa literária sobre a repressão política que antecede a ditadura militar argentina (1976-1983). A obra, de caráter autoficcional, apresenta a perspectiva infantil de uma narradora que vivencia a clandestinidade ao lado da família militante dos Montoneros, revelando experiências marcadas pelo medo, pelo silêncio e pela violência de Estado. Parte-se da hipótese de que a autora transforma a memória individual em testemunho coletivo, convertendo lembranças fragmentadas da infância em denúncia histórica e política. Metodologicamente, a pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica, dialogando com estudos sobre memória, trauma e literatura de testemunho, especialmente as contribuições de Novaro e Palermo (2007), Copelato (2006) e Seligmann-Silva (2008). Ante o exposto, a narrativa não apenas documenta um período histórico violento, mas também promove uma reflexão ética sobre resistência, identidade e sobrevivência, demonstrando como a escrita pode atuar como forma de reconstrução subjetiva e de enfrentamento do esquecimento.

Palavras-chave: Ficção. Testemunho. Memória; Ditadura argentina. Literatura latino-americana.

Abstract

This article analyzes the novel *The Rabbit House* (2022), by Laura Alcoba, investigating the relationships between fiction, memory, and testimony in the construction of a literary narrative about the political repression that preceded the Argentine military dictatorship (1976-1983). The work, of an autofictional nature, presents the childhood perspective of a narrator who experiences clandestinity alongside her militant Montoneros family, revealing experiences marked by fear, silence, and state violence. The hypothesis is that the author transforms individual memory into collective testimony, converting fragmented childhood memories into historical and political denunciation. Methodologically, the research is based on a bibliographic review, engaging with studies on memory, trauma, and testimonial literature, especially the contributions of Novaro and Palermo (2007), Copelato (2006), and Seligmann-Silva (2008). Given the above, the narrative not only documents a violent historical period, but also promotes ethical reflection on resistance, identity, and survival, demonstrating how writing can act as a form of subjective reconstruction and confrontation with forgetting.

Keywords: Fiction. Testimony. Memory; Argentine dictatorship. Latin American literature.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar o romance *A casa dos coelhos* (2022), de Laura Alcoba, observando como a autora entrelaça memória e ficção para testemunhar a repressão que antecede a ditadura militar argentina (1976-1983). A narrativa autobiográfica revela, sob o olhar infantil de Laura, o cenário de medo, violência e resistência que marcou sua família nos anos 1970. Em 2022, a obra foi traduzida para o português por Natalia Bravo, ampliando seu alcance em países como o Brasil.

Parte-se da hipótese de que o romance transforma a memória individual em testemunho coletivo, convertendo a experiência íntima da infância em denúncia literária da violência de Estado.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 05/03/2026 | aceito: 07/03/2026 | publicação: 09/03/2026

Desse modo, a obra evidencia o papel social da literatura como espaço de preservação da memória histórica e de elaboração do trauma.

Metodologicamente, realiza-se pesquisa bibliográfica, fundamentada em autores como Novaro e Palermo (2007), Seligmann-Silva (2008) e Copelato (2006). O trabalho divide-se em duas seções: a primeira contextualiza a ditadura militar argentina; a segunda analisa a narrativa literária, enfatizando as relações entre infância, memória e testemunho.

1 SOBRE A DITADURA MILITAR ARGENTINA (1976-1983)

Para compreender o romance *A casa dos coelhos* (2022), de Laura Alcoba é essencial situá-lo no contexto histórico da ditadura instaurada na Argentina, um período marcado pela violência, opressão e medo, em que muitos cidadãos foram privados de seus direitos sob um regime autoritário e militarizado. Vale salientar, que a referida obra retrata memórias da autora que antecedem o período do regime militar, datado entre 1976-1983.

De acordo com Novaro e Palermo (2007) para entender as causas e os impactos do regime militar em solo argentino, é importante considerar os fatores internacionais e as forças internas, como a Revolução Cubana e a influência dos Estados Unidos. Também é preciso analisar a dinâmica das lutas de classes e a cultura política local, visto que contribuíram diretamente para configuração desse cenário repressivo.

Segundo o Histórico da Ditadura Civil-Militar Argentina, publicado pelo Ministério da Justiça e Direitos Humanos no site oficial do governo argentino, a ditadura teve início com o golpe de Estado de 24 de março de 1976, que depôs a então presidenta Isabel Perón. Nesse contexto, as práticas repressivas se intensificaram, gerando um período de violência extrema.

Estima-se que mais de 30 mil pessoas tenham desaparecido ou sido sequestradas, vítimas de uma repressão sistemática contra opositores políticos. Essas ações ficaram conhecidas como a prática de “Los Desaparecidos”, termo que se refere aos desaparecimentos forçados de indivíduos considerados uma ameaça ao regime, como aponta os dados do site.

Nesse contexto, o governo militar justificou tais ações como parte de uma luta contra a subversão e o terrorismo. No entanto, essas medidas refletiam graves violações de direitos humanos, cujos efeitos ressoam até hoje na sociedade argentina. Novaro e Palermo (2007) afirmam que a conjuntura que antecedeu o golpe foi vista pelos militares e por alguns setores civis como uma oportunidade de consolidar o poder político em mãos militares, sob a justificativa de controlar a crise.

A conjuntura em que se gerou o golpe se mostrava extremamente favorável para fortalecer a convicção, compartilhada pela esmagadora maioria dos militares, assim como por certos grupos civis, de que a gravidade da situação exigia respostas definitivas aplicadas por uma mão de ferro que concentrasse a soma do poder político (Novaro e Palermo, 2007, p.45).

Logo, essa perspectiva se consolidou entre os militares, que entendiam o peronismo como um

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 05/03/2026 | aceito: 07/03/2026 | publicação: 09/03/2026

movimento de transformação da relação entre as classes populares com o Estado, encorajando-as a exigir direitos, por meio das organizações sindicais. Assim, “[...] deviam-se suprimir as bases sobre as quais ela havia se edificado, e que lhe tinham permitido sobrepujar as tentativas mais ou menos abrangentes, mas sempre frustradas, de discipliná-la (Novaro e Palermo, 2007, p.48), para conter o que acreditavam ser uma “Argentina populista”.

Nesse sentido, as justificativas militares para a repressão se apoiavam numa visão de mundo que considerava urgente redefinir as bases da sociedade argentina. De maneira geral, isso envolvia a eliminação de dois alvos: uma classe trabalhadora “indisciplinada” e um empresariado industrial dito “ineficiente”. Consoante a isso, a união entre militares e conservadores livre-cambistas refletia uma ruptura histórica:

[...] deviam-se destruir as bases da desordem, havia que liquidar a ‘Argentina maldita’, acabando para sempre com a insolência das identidades políticas e sociais dos setores populares, seus sindicatos, seus serviços sociais, e até boa parte das fábricas nas quais essa ‘praga’ tinha seu ponto de apoio fundamental (Novaro e Palermo, 2007, p.49).

Além disso, os militares também manipularam a memória histórica para legitimar suas ações autoritárias, apropriando-se de eventos do passado para se apresentarem como defensores da nação. Para Copelato (2006), um exemplo disso foi a comemoração do centenário da “Campanha do Deserto” em 1979, na qual o regime comparou a eliminação dos indígenas pelas tropas do General Roca à luta contra os subversivos contemporâneos.

O uso político que os militares fizeram do passado implica na valorização de uma certa época e de certos personagens. Em 1979, a comemoração do centenário da ‘Campanha do Deserto’ ofereceu à ditadura a oportunidade de exibir promessas de um novo recomeço a partir da luta contra um ‘inimigo irrecuperável’, os subversivos (Copelato, 2006, p.68).

Nota-se que essa manipulação histórica tinha por intuito construir uma identidade nacional marcada por um imaginário de guerra e defesa contra uma ameaça interna. Segundo o autor, ainda, os militantes Montoneros, também recorreram ao passado em busca de inspiração, evocando o nacionalismo das campanhas de Juan Manuel de Rosas e a figura de Eva Perón como ícone da revolução.

Em suma, a ditadura na Argentina, durou cerca de sete anos, tendo fim em 10 de dezembro de 1983, com a transferência direta do poder para um governo constitucional e democrático. Com o final da ditadura, militantes como os Montoneros, que foram cruelmente perseguidos, enfrentaram o desafio de reintegrar-se a uma sociedade em transição democrática, carregando os traumas e as memórias de resistência, como pontuam Novaro e Palermo (2007).

Na seção seguinte, será apresentado como Laura Alcoba (2022) entrelaça suas memórias pessoais com a história política do país, por meio da narrativa autoficcional *A Casa dos Coelho*s, revelando a profundidade das marcas deixadas por esse período sombrio.



A *Casa dos Coelhos*, é a primeira obra autoficcional da trilogia da escritora Laura Alcoba, publicada em 2006 sob o título original *Manèges: petite histoire argentine*. Curiosamente, o termo francês “Manèges” significa “carrossel”, referenciando tanto a visão lúdica da criança quanto as estratégias dos militantes Montoneros para driblar a censura e opressão militar. Aqui, analisaremos alguns trechos da versão traduzida para o português por Natalia Bravo, publicada em 2022.

Nesse romance, Laura resgata memórias de sua infância marcadas pela opressão militar na Argentina. Filha de militantes Montoneros de esquerda, a menina de apenas sete anos passa a viver de forma clandestina com sua mãe em Buenos Aires durante a perseguição que antecede o “Processo de Reorganização Nacional” em 1970.

A narrativa de Alcoba aproxima-se do campo da literatura de testemunho, gênero no qual memória individual e experiência histórica se entrelaçam. Uma vez que, o relato pessoal funciona como registro e símbolo de traumas sociais. Assim sendo, o caráter infantil da narradora rememora acontecimentos, bem como reconstrói de forma crítica o passado, transformando lembranças em elaboração histórica.

De acordo com Copelato (2006), nos anos 1970, a Argentina passou por um período marcado por intensa violência e radicalização política. Métodos de repressão, como sequestro e tortura, tornaram-se comuns, servindo como uma experiência que seria amplamente aplicada após o golpe de 1976. Em *A casa dos coelhos*, Laura e sua mãe representam a resistência de diversas famílias que testemunharam os horrores dessa fase, bem como a luta dos militantes por sobrevivência e dignidade em meio à opressão.

A narrativa é dividida em dezoito capítulos, nos quais Laura revela progressivamente os motivos pelos quais precisa viver na clandestinidade. O cenário da história é uma casa localizada em La Plata, onde a menina se refugia com os pais. Os moradores dessa casa trabalhavam de fachada criando coelhos, inspiração para o título do romance.

Na verdade, a casa era um “embute” ou “célula”, isto é, um esconderijo para os militantes Montoneros, que improvisaram no galpão uma gráfica clandestina em resposta à censura imposta pelo regime militar. Assim, eles podiam produzir e imprimir as matérias do jornal opositor *Evita Montonera* sem serem descobertos pelos militares.

No enredo, Alcoba (2022) descreve alguns detalhes que marcam a vida clandestina, como o uso de documentos falsos, o convívio com militantes, as estratégias utilizadas pelos Montoneros para fugir da repreensão política dos militares argentinos e, principalmente, a ausência do aconchego materno e de um lar digno e tranquilo. Por exemplo, quando ela diz:

Por muitas vezes sonhei acordada com a casa em que gostaria de morar, uma casa com telhado vermelho, um jardim, um balanço e um cachorro. Como as casas dos livros infantis.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 05/03/2026 | aceito: 07/03/2026 | publicação: 09/03/2026

[...] Quando eu falava de uma casa, era apenas uma forma de dizer. [...] O que eu desejava era a vida que vem lá de dentro (Alcoba, 2022, p. 2).

Desse modo, percebe-se o desejo de Laura de ter uma vida “normal”, longe do medo e da opressão das autoridades militares. Contudo, o sonho da menina é interrompido quando sua mãe revela, dadas as circunstâncias, a realidade opressiva da militância e a violência contra os Montoneros.

Se deixamos o nosso apartamento, é porque agora os Montoneros precisam se esconder. É necessário, porque há algumas pessoas que se tornaram muito perigosas: são os membros dos comandos da AAA, a Aliança Anticomunista Argentina, que sequestram os militantes, como os meus pais, e os assassinam, ou desaparecem com eles. Portanto, é preciso que nós nos protejamos, nos escondamos e, também, que possamos reagir [...] (Alcoba, 2022, p. 4).

Diante das palavras da mãe, Laura silencia e assume o papel de guardiã dos segredos familiares. Apesar de sua tenra idade, ela compreende a realidade cruel em que está inserida. Essa introdução precoce à violência política atravessa a infância da autora, deixando marcas profundas: o medo constante da morte e da tortura, além do peso do silêncio em relação à sua própria identidade.

Prometo não dizer nada sobre o esconderijo do teto. Nem aos homens que possam vir me fazer perguntas, nem mesmo ao vovô e à vovó. Papai e mamãe escondem armas e jornais lá dentro, mas eu não posso contar pra ninguém. Os outros não sabem que nós fomos obrigados a entrar em guerra. Eles não compreenderiam. Pelo menos, ainda não (Alcoba, 2022, p. 7-8).

No trecho acima, percebe-se a carga emocional que a criança sentia durante uma infância que deveria ser despreocupada. A autora revisita suas memórias, entrelaçando o ponto de vista da criança com as reflexões da adulta. Simultaneamente, ela apresenta informações fragmentadas dos traumas e desafios da resistência política na Argentina, através de sua escrita de testemunho.

Para Seligmann-Silva (2008) o testemunho é uma atividade essencial, pois “[...] dele depende a sobrevivência daquele que volta do *Lager* (campo de concentração) ou de outra situação radical de violência que implica esta necessidade, ou seja, que desencadeia esta carência absoluta de narrar” (Seligmann-Silva, 2008, p.66). Logo, *A casa dos coelhos* exemplifica bem essa função do testemunho na literatura, pois narra memórias dolorosas de uma mulher que teve sua infância roubada.

Nessa direção, Gomes e Ribeiro (2022, p.379) observam que o referido romance “[...] realiza um movimento de presentificação, onde a interpretação da narradora adulta transforma as lembranças infantis em reflexões mais complexas sobre o passado”. Assim, não só reflete um testemunho, mas também uma visão sobre a Argentina dos anos 70, marcada pela repressão brutal do regime e pela AAA, uma organização que buscava eliminar grupos de esquerda.

Entretanto, cabe salientar que o contexto histórico do regime militar no país é introduzido como pano de fundo na narrativa, sem aprofundamento nos detalhes históricos. Ao narrar sua história, Laura Alcoba (2022) convida o público-leitor a refletir acerca das consequências traumáticas desencadeadas pelos regimes autoritários e a resiliência daqueles que, como ela, sobreviveram para compartilhar suas histórias de vida.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *A Casa dos Coelhos* (2022), Laura Alcoba utiliza a literatura como ferramenta de denúncia e espaço de testemunho da repressão política que antecedeu a ditadura militar argentina (1976-1983). Entrelaçando memória e ficção, ela dá voz às experiências pessoais e coletivas que foram, por muito tempo, silenciadas. Dessa forma, a metáfora do silêncio reflete a clandestinidade vivida pelos militantes Montoneros e seus familiares.

Ressalta-se, ainda, que após a prisão do pai, Laura é levada com a mãe para a França, mas carrega o trauma de perdas irreparáveis, como a execução brutal de Diana, uma Montonera grávida, e seu esposo. Além disso, as experiências com documentos falsos e identidades fragmentadas deixam marcas profundas que dificultam seu processo de escrita. O trauma, segundo Seligman-Silva (2008, p. 66), expressa “o desejo de renascer” – e, para Laura Alcoba (2022), isso se traduz no resgate de uma memória coletiva crucial, para que as histórias de resistência e dor não sejam esquecidas ou simplesmente apagadas pelo tempo.

REFERÊNCIAS

ALCOBA, Laura. **A casa dos coelhos**. Tradução de Natalia Bravo. 1. ed. Paris de Histórias: 2022.

ARGENTINA. Ministério da Justiça e Direitos Humanos. **Histórico da Ditadura Civil-Militar Argentina**. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar>. Acesso em: 06 de novembro de 2024.

COPELATO, Maria Helena. **Memória da ditadura militar argentina**: Um desafio para a história. *Clio – Revista de Pesquisa histórica* – n. 24. 2006.

GOMES, A. S.; RIBEIRO, R. R. **Jogos Argentinos**: escrita, memória e esquecimento. *Caderno de Letras, Pelotas*, n. 43, p. 377-388. 2022.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A ditadura militar na Argentina** (1976-1983). São Paulo: Edusp, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma**: A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-56652008000100005>. Acesso em: 02 de novembro de 2024.